

## **Ao discurso negacionista/religioso e científico em tempos de pandemia – COVID-19**

### **The denialist/religious and scientific discourse in times of pandemic - COVID-19**

DOI:10.34117/bjdv7n12-122

Recebimento dos originais: 12/11/2021

Aceitação para publicação: 06/12/2021

#### **Priscila Figueiredo Miranda Rabello**

Mestranda do Curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória  
(FUV/ES).

Graduada em Pedagogia (UFES). Especialista em Educação Especial.

E-mail: prifimira@gmail.com

#### **Joana d’Arc Araújo Silva**

Mestranda do Curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória  
(FUV/ES). Graduada em Pedagogia (ICMG).

E-mail: sirana66@yahoo.com.br

#### **Heloisio Costa de Oliveira**

Mestrando do Curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória  
(FUV/ES).

Graduado em Arte (UFF), Especialista em Filosofia – Teologia e Coordenação  
Pedagógica.

E-mail: heloisiomusico@gmail.com

#### **Onildo de Souza Moraes**

Mestrando do Curso de Ciência das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV/ES).

E-mail: onildomoraes@yahoo.com.br

#### **Monique Ludugério Garcia**

Mestranda do Curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória  
(FUV/ES).

Graduada em Administração de Empresas (UFF).

E-mail: moniqueludgarcia@gmail.com

#### **Luciene Sipriano**

Mestranda do Curso de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória  
(FUV/ES).

Graduada em Letras Português / Inglês (Faculdade Saberes).

E-mail: Iso2013cipriani@gmail.com

### **RESUMO**

A pandemia trouxe para o mundo consequências desastrosas e de difícil reparação. Demonstrou-se que além da crise gerada na área da saúde, também, instalaram-se disputas de ordem política, as quais dividem opiniões. Dessa forma, este artigo tem o propósito de

mostrar no contexto da pandemia do Covid-19 as disputas travadas entre dois discursos: o negacionista e o científico e suas consequências. Para isso, pretende-se utilizar a pesquisa bibliográfica e exploratória. Nesse momento em que as disputas trazem incertezas, torna-se relevante refletir sobre tais implicações. A partir dessa contextualização, levantamos as seguintes questões: Quais as disputas advindas desses dois discursos opostos? Como são representados os evangélicos em meio a essa disputa discursiva? O resultado mostrou que as disputas são de cunho político e motivam ainda mais as incertezas. Parte dos evangélicos são representados ao lado de Jair Bolsonaro como negacionistas que acumulam também um poder político, são incompreendidos e criticados por esse posicionamento.

**Palavras-chave:** Pandemia, negacionismo, cientificismo, religião evangélica.

### **ABSTRACT**

The pandemic has brought disastrous consequences to the world that are difficult to repair. It was demonstrated that, in addition to the crisis generated in the health area, political disputes had also arisen, which divided opinions. Thus, this article aims to show, in the context of the Covid-19 pandemic, the disputes between two discourses: the denial and the scientific and their implications. For this, it is intended to use the bibliographical and exploratory research. At this moment when disputes bring uncertainty, it becomes relevant to reflect on such implications. From this context, we raise the following questions: What are the disputes arising from these two opposing discourses? How are evangelicals represented in the midst of this discursive dispute? The result showed that the disputes are of a political nature and further motivate uncertainties. Part of evangelicals are represented alongside Jair Bolsonaro as deniers who also accumulate political power, are misunderstood and criticized for this position.

**Keywords:** Pandemic, negationism, scientism, evangelical religion.

## **1 INTRODUÇÃO**

Em pleno século XXI, no ano de 2020, o mundo foi surpreendido pelo novo coronavírus, o Covid-19. A princípio não se deu muita importância a esse fato, mas em pouco tempo a humanidade percebeu que os efeitos causados sobre a saúde das pessoas, além de pouco conhecidos, são letais. Isso se tornou um desafio para os cientistas os quais buscam uma vacina imunizante. Porém, como essa solução será a longo prazo, para se evitar a morte de milhares de vidas foi preciso adotar medidas imediatas, tais como: distanciamento social, isolamento, fechamento de escolas, estabelecimentos comerciais e templos religiosos e a quarentena isolando, as pessoas ao redor do mundo e alterando, repentinamente, a rotina da população.

A partir desses acontecimentos e suas consequências, cabe uma adesão às reflexões de Santos (2020) o qual afirmou que a pandemia serviu para revelar sérios problemas existentes no Brasil como as desigualdades, as diferenças e os despreparos.

Esse contexto aponta para um presente caótico e um futuro de incertezas impactado pelo panorama atual.

Nesse momento de pandemia, sabemos que muitos discursos se entrelaçam e uma das formas mais comuns de conhecê-los é pelo meio digital. A tecnologia da informação acabou acirrando esse processo discursivo onde a *Web* se tornou o palco das principais disputas. Nesse sentido, busca-se cada vez mais a tecnologização do discurso como meio de aperfeiçoá-lo a fim de que possa ser utilizado como forma de convencimento (MAINGUENEAU, 2015).

Sendo assim, pretendemos analisar dois discursos que disputam o poder. O primeiro diz respeito ao discurso negacionista cujos representantes são o ex-presidente dos Estados Unidos e o atual presidente do Brasil, assim como, as lideranças econômicas e religiosas pentecostais. O segundo é o discurso científico o qual tem por adeptos médicos sanitaristas, apoiados por instituições como a OMS (Organização Mundial da Saúde), a Fiocruz e os governadores dos Estados brasileiros (ROMANO e *et al*, 2020).

A partir dessa contextualização, levantamos as seguintes questões: Quais as disputas advindas desses dois discursos opostos? Como são representados os evangélicos em meio a essa disputa discursiva? Nosso objetivo é analisar os argumentos entre esses dois discursos e como a sociedade representa e envolve os evangélicos nela. Para isso, utilizaremos a pesquisa de cunho bibliográfica e exploratória. Uma vez que nesse cenário de disputas discursivas, incertas, se torna relevante conhecer as implicações deles para a sociedade.

Ao longo da história da humanidade aconteceram outras pandemias. Para a OMS o conceito que designa uma doença como pandêmica, é a sua capacidade de se alastrar por diversas regiões do Planeta. Senhoras, identifica como fator facilitador nas primeiras pandemias, a “dinâmica demográfica” consequência da expansão da humanidade em suas três ondas.<sup>1</sup>

O autor destaca também certa padronização e periodização temporal nas pandemias de maior relevância na história, que “embora sem precisão estatística, partindo do século VI com a conhecida “Praga de Justiniano”, passando pelo século XIV com a “Peste Negra”, até se chegar ao século XX com a “Gripe Espanhola”, guardam entre si

---

<sup>1</sup> SENHORAS, Elói Martins. CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA. Boletim da Conjuntura. Ano II | Volume 1 | Nº 1 | Boa Vista | 2020, p.29.

certo espaçamento.<sup>2</sup> Desta forma é preciso aprender com as pandemias anteriores nas ações das eventuais pandemias que possam se apresentar.

Assim, devido à incidência do novo coronavírus a OMS, prudentemente, declarou pela 6ª vez o estado de emergência internacional. Esta medida já havia sido tomada em epidemias anteriores como Ebola (2018 e 2016), zika vírus (2016), poliomielite (2014) e gripe suína, H1N1 (2009).<sup>3</sup>

Inclusive a última pandemia que ceifou o mundo, denominada de Gripe Espanhola, foi bem mais cruel no número de vítimas em relação à Covid-19. “Em 1918, a população mundial era de 1,8 bilhão e a pandemia matou provavelmente, 50 a 100 milhões de pessoas”<sup>4</sup>.

## 2 DISCURSO E PODER

Para entender o que é discurso e poder é necessário lembrar que segundo Foucault “[...] saber e poder eram exatamente correspondentes, correlativos, superpostos, não podia haver saber sem poder. E não podia haver poder político sem a detenção de um certo saber específico.” (FOUCAULT, 1978, p.39). Em várias passagens pela história da humanidade, os entendimentos que se tinha de saber e de poder estiveram juntos.

Desta forma, pressupõe-se que é possível analisar o discurso da pandemia e as disputas advindas desse acontecimento estudado por Romano e *et al* (2020) a partir de dois pontos citados por Maingueneau (2015). No primeiro, na análise do discurso, não descende de uma única corrente, por isso, quando se trata de analisar um assunto podem ocorrer posicionamentos diversos acerca dele.

Maingueneau (1995), argumenta que o discurso somente se torna verdadeiramente objeto de um saber se ele for assumido por diversas disciplinas que possuem cada uma um interesse específico. Pressupõe que, neste bojo, está presente várias disciplinas que dialogam com a análise do discurso, são elas: as teorias da argumentação, análise crítica do discurso, a sociolinguística e a análise da conversação. Não se tem espaço para um discurso isolado, neutro. Ele tem que estar contextualizado. Nesse sentido, a análise do

---

<sup>2</sup> SENHORAS, Elói Martins. CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA. Boletim da Conjuntura. Ano II | Volume 1 | Nº 1| Boa Vista | 2020 p.30.

<sup>3</sup> SENHORAS, Elói Martins. CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA. Boletim da Conjuntura. Ano II | Volume 1 | Nº 1| Boa Vista | 2020, p.31.

<sup>4</sup> BARRY, John M. A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Tradução de Alexandre Raposo, Carmelita Dias, Cássia Zanon, Livia Almeida. Maria de Fátima Oliva Do Coutto e Paula Diniz. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. p. 503.

discurso é considerada uma área movediça, ou seja, cujo processo discursivo é incerto e cheio de surpresas.

O segundo é a “tecnologização” do discurso. Ao contrário do que diziam nos anos 60 que a análise do discurso seria um método transitório e para pouco tempo (MAINGUENEAU, 2016), atualmente, percebe-se cada vez mais a importância dessa disciplina, e o termo “tecnologização” assinala as muitas correntes que têm o discurso por objeto bem como as diversas entidades sociais que necessitam das análises a respeito dos mais diversos temas em voga na sociedade.

Por outro lado, tais estudos levam a compreender, também, sobre a necessidade de controlar os processos discursivos buscando dar uma solução em meio ao caos. Dessa forma, os discursos que as autoridades querem apresentar é aquele que vai acalmar os ânimos da sociedade, tranquilizando e trazendo a harmonia necessária para sua continuidade.

Romano e *et al* (2020) chamam a atenção para o fato de que a pandemia provocada pelo Covid-19 pode ser vista como um “acontecimento” que ao mesmo tempo em que desestabiliza traz oportunidades de disputas políticas, religiosas e científicas. Cada uma buscando dar uma solução ou uma resposta sobre o problema para a sociedade.

Porém, como as várias correntes ou pontos de vista acerca desses assuntos obedecem a uma ordem de pensamento social diferente, torna-se uma disputa que muitas vezes divide as opiniões e acaba apontando, cada vez mais, para maiores incertezas. Como Maingueneau (2015) afirmou a análise do discurso é um terreno movediço.

### **3 DISCURSO NEGACIONISTA**

O discurso anticientífico não é novo, mas faz parte de uma conjuntura sócio-histórica. Podemos dizer, contudo, que na atualidade ele encontrou fatores propícios para sua proliferação. De acordo com Fetter (2020) tais fatores estão relacionados à economia, à política e à tecnologia. Esta última tem a responsabilidade central, uma vez que propicia às pessoas adquirirem informações como ferramenta eficaz de desenvolvimento humano, mas também pode servir de veículo de disseminação de notícias inverídicas. Em consequência disso, a falta de censo crítico acaba fazendo com que a população concorde com quaisquer ideias.

Analisando o cenário político que se formou desde a pré-candidatura do Presidente Bolsonaro até as consequências no decorrer da pandemia do novo coronavírus - Covid-19 não causam espanto se pensarmos que foi marcado pelo negacionismo. Nesse

sentido, Caponi (2020) cita vários fatos que nos fazem compreender essa afirmação.

Segundo o autor

Esse negacionismo que foi adotado pelo atual governo já na campanha eleitoral, com seu desprezo pelas universidades, pela pesquisa científica, pelos direitos das populações vulneráveis, pelas comunidades indígenas, LGBT, populações de rua, mulheres em situação de violência etc., agrava-se em tempos de epidemia, quando existe maior necessidade de um Estado presente que garanta o exercício dos direitos (CAPONI, 2020, p. 211).

Embora estejamos falando, especificamente, da figura do presidente do Brasil, a motivação maior de suas ações recaia sobre o ex-presidente dos Estados Unidos que era uma espécie de garantidor delas. A estes se juntaram lideranças econômicas e religiosas pentecostais (ROMANO e *et al*, 2020).

Os adeptos desse discurso tratam a situação como um acontecimento que se deve atribuir pouca relevância. Oriundo do discurso das mídias as expressões “é uma gripezinha”, “o Brasil não pode parar”, “histeria”, “hidroxicloroquina salva”, “Finalzinho da Pandemia”, “Lamento as 200 mil mortes, mas a vida continua”<sup>5</sup> consegue significar o que acreditam (ARRUDA, 2021).

Nesse sentido, buscam dar ênfase a argumentos que distorcem as orientações. Sendo possível exemplificar com discursos de cientistas econômicos, tais como: deve-se priorizar a economia porque se o Brasil parar a situação tende a piorar; ou o da organização Mundial de Saúde (OMS): deve-se adotar o isolamento social horizontal, tomando os cuidados necessários. Desta forma, acreditam que o *lockdown* pode causar mais óbitos se comparado ao coronavírus. Além do mais, incentivam a utilização de terapias medicamentosas como a Cloroquina, mesmo sem comprovação científica, o que pode causar efeitos colaterais danosos à saúde.

Aliado à política negacionista e ao uso de medicamentos ineficazes à cura da pandemia estão as fake news acerca da Covid-19. Este fato prejudicou as relações sociais e econômicas do Brasil, criando um fosso entre os que acreditam na ciência e na vacina e aqueles fanáticos que acreditam ser o vírus algo produzido pela China ou um castigo divino, como acreditavam os homens e mulheres no medievo, referente à peste negra.

Recentemente, na maior pandemia de nossa história, várias ações negligenciadas, igualmente, foram criadas acerca da Gripe Espanhola. “As mentiras das autoridades e da

---

<sup>5</sup> Pesquisado por Arruda (2021) - Tabu (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKUSbF7FsrH>.

imprensa nunca permitiram que o terror se tornasse real [...] O medo, não a doença, ameaçou a ruptura da sociedade”<sup>6</sup>.

Ao contrário do que se possa pensar, o atual Presidente da República do Brasil representa uma liderança que exerce influência sobre muitos grupos políticos e sociais. Nesse sentido, Caponi (2020) aponta em seu trabalho como ele mobilizou campanhas pró-Bolsonaro que lutaram a favor de seus ideais. Por exemplo, nos locais onde ele tem simpatizantes políticos, suas declarações dificultaram o isolamento social, o *lockdown* e até mesmo incentivou o uso indiscriminado da Cloroquina.

A autora assinalou que no dia 14 de maio de 2020 a declaração de Bolsonaro de que o Brasil está em guerra adquiriu um duplo sentido: guerra contra o vírus ou contra os governadores? A resposta é contra os governadores, adeptos do discurso científico e que, apesar do número de contaminados e mortos divulgados no site do próprio governo federal<sup>7</sup>. optaram por seguir um caminho contrário.

Nesse cenário de embates ideológicos, também, há de se ressaltar o trabalho dos jornalistas que, sob forte tensão, precisam ao mesmo tempo divulgar, tanto, os apelos da ciência quanto o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro.

#### 4 DISCURSO CIENTÍFICO

O discurso científico é incisivo pela maneira como trata suas descobertas e como aprova ou desaprova socialmente determinados casos. Há por trás de tudo métodos rigorosos que vão de encontro ao puro senso comum.

Demonstrando essa perspectiva, Maingueneau (2020) ao examinar o contexto de pandemia, especialmente, em relação à Covid-19 traçou reflexões para mostrar que não somente os cientistas sabem sobre esse assunto, mas a população em geral passou a ter acesso às informações científicas divulgadas pela mídia. Outro aspecto é o que se pode apreender sobre a pandemia ocorrida no século XIX. Na época, esse termo era mais conhecido como peste ou catástrofe.

Atualmente, para a ciência o termo “Coronavírus” constitui uma construção conceitual, pois o vírus é uma categoria biológica e Corona uma subcategoria. Nesse sentido, a construção científica do termo “Coronavírus” força a pensar que o vírus perdeu a categoria de peste e está em um invólucro ou uma caixa que pode ser controlada pelo

---

<sup>6</sup> BARRY, 2020. p. 514.

<sup>7</sup> 11 Gazeta do Povo. [s.d]. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/numeros/>.



ser humano. Essa visão científica da pandemia exclui qualquer outra forma de pensar, inclusive a religiosa, colocando a ciência como aquela que tem o poder de controlar a situação e dar tranquilidade à população. Um terceiro aspecto que vale ressaltar é a figura do perito que é aquele responsável por dar as informações sobre a pandemia.

O discurso levado a mídia por esse perito precisa demonstrar credibilidade nesse momento de incertezas. Em relação a tais discursos, notamos que eles foram sintetizados pelos gráficos e esquemas, isto é, a pandemia tornou-se números que são interpretados pelos peritos e jornalistas. Contudo, o problema não é simples de ser resolvido se pensarmos na informação de qual perito podemos considerar: se ligado ao governo ou ao comitê científico.

O discurso científico o qual tem por adeptos médicos sanitaristas, apoiados por instituições como a Organização Mundial da Saúde e a Fiocruz, além dos governadores de vários Estados brasileiros, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão e os demais do Nordeste; e dos governos de países, tais como Rússia, China, Argentina, França, Alemanha, Nova Zelândia, dentre outros.

Para os partidários desse discurso deve-se preservar a saúde e a sustentabilidade da vida, defendem o isolamento social horizontal e o *lockdown*, a fim de garantir o bem estar da população e a sustentabilidade da economia futuramente. Presente no discurso da mídia a expressão fique em casa reflete esse pensamento (ROMANO e *et al* (2020).

Pensar nesse lugar de disputas discursivas, nos leva a pensar em como será o pós-pandemia ou o “novo normal” como dizem. Por meio de Romano e *et al* (2020) podemos entender que para um cientista o futuro é o resultado de uma equação entre o passado e o presente.

Assim, há especulações de muitos especialistas, por exemplo, no livro *Sopa de Wuhan* de Slavoj Žižek o capitalismo foi ferido de morte e surgirá uma nova ordem comunista baseada na cooperação; para Byung-Chul Han, o vírus completará o atentado terrorista, o capitalismo se fortalecerá graças às tecnologias e surgirão governos totalitários; segundo Ignacio Ramonet, haverá um choque entre a velha normalidade e a nova normalidade, aprofundando as desigualdades sociais; Michel Wieviorka diz que faltarão atores sociais para levar as ideias adiante; Walden Bello diz que os sentimentos pessimistas serão o cerne utilizado pela extrema direita e esquerda para promover transformações.

Observando tais ideias diversas, perceber-se um futuro de incertezas em que pelas suas previsões “tecnologizadas” os especialistas tentam forçar um discurso profético



mostrando que tem o poder de controlar os momentos incertos. Porém, o que se percebe mesmo são discursos vazios no terreno discursivo das incertezas.

## **5 REFLEXÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DOS EVANGÉLICOS NA PANDEMIA**

No site do Instituto Datafolha, no dia 03 de abril/2021, podemos ter acesso à pesquisa de opinião sobre a pandemia do COVID-19. De acordo com a exposição dos dados, os evangélicos estão avaliando com mais critérios as ações do governo de Jair Bolsonaro e relativizando a pandemia, considerando a posição de que o isolamento social é aceito pela maioria dos grupos religiosos.

Entretanto, alguns dados merecem nossa atenção: 37% da população geral defendem que a volta ao trabalho, entre os evangélicos esse número é de 44%; 33% da população em geral atribuem “bom” e “ótimo” a maneira como o Presidente da República tem conduzido a crise, contudo, entre os evangélicos esse número chega a 41%. Esses dados demonstram que o presidente, adepto do discurso negacionista, exerce uma forte liderança entre os evangélicos e uma preocupação para os adeptos do discurso científicos.

Se considerarmos esses dados mais o fato de que os evangélicos crescem em número e em capacidade de lobby, que representam 31% dos brasileiros e ocupam 107 das 513 cadeiras da Câmara Federal, são fatores que devem ser considerados na análise desse cenário político (DATAFOLHA, 2020). Compreender o comportamento político desse grupo é, portanto, fundamental para percebermos com nitidez o desenrolar dos fatos no cenário político nacional e não podem ser explicadas de maneira simplista. Dessa forma, em relação a esses dados que influenciam as notícias na mídia, podemos observar que elas assinalam por um lado que os fiéis são manipulados por suas lideranças, mas por outro, estão alinhados a político do governo de Jair Bolsonaro.

A mídia mostra ainda que as lideranças religiosas como os pentecostais locais investem na crença e na fé como meio sobrenatural de curar os acometidos pela Covid-19. Tais lideranças são apoiadas pelo presidente, os quais juntos convocaram jejuns religiosos com o objetivo de erradicar o vírus que é caracterizado por clichês como: “Tática de Satanás”, “pandemia maligna”, “histeria”, “sinal de Deus”.

Além disso, os evangélicos tem uma visão profética e escatológica sobre o advento da pandemia, tais como: “É previsto pela palavra de Deus”, “aponta para a segunda vinda de Cristo”, “É um sinal do fim dos tempos”. No entanto, essa visão em certa medida contribui para reforçar o discurso anticientífico (GONÇALVES, 2021). Os

religiosos querem que seja resguardado o direito de cultivar nos templos, assim como soluções controversas, como a imunização por meio de óleo ungido ou pela cloroquina de Jesus (ROMANO e *et al.*, 2020).

Como se pode perceber, em tempos de pandemia muitos são os perigos do discurso negacionista religioso e científico. O principal efeito, porém, é a geração de um nível de desinformação que agrava os índices de infectados e, por conseguinte, eleva consideravelmente o volume de mortos. Mas aqui é preciso fazer algumas indagações, tais como: Por qual razão, no Brasil e no mundo, nos últimos anos, tem crescido a onda negacionista do conhecimento científico? Quem ganha com isso? E o que exatamente essas pessoas ganham com a difusão do discurso negacionista?

No âmago da abertura política e da liberdade de expressão surgidas nos anos 80 do século passado, muitos setores vêm revelando certo desconforto, inconformados com as mudanças que, aos poucos, conferiram mais direitos sociais à população. Assim, buscam, de diversas formas, criar situações para legitimar intervenções autoritárias e conservadoras. De forma contraditória, tais setores fazem uso dos espaços democraticamente construídos, para negar, entre outras coisas, a própria democracia.

Nos parâmetros pretendidos pelos setores mais conservadores da sociedade, as ciências tendem a ser reduzidas apenas ao conhecimento que possa embasar, minimamente, o fundamentalismo religioso que novamente se avizinha. Os valores comuns dos conservadores estão relacionados à importância atribuída à religião, à valorização das instituições intermediárias entre o Estado e os indivíduos (família, corporação etc.) e, por conseguinte, uma crítica à centralização estatal e ao individualismo moderno (FERNANDES E FERREIRA, 2021, p. 196). Percebe-se que o contexto social – vislumbrado pelos negacionistas – favorece apenas à institucionalização do caos social.

Atualmente, o que os negacionistas buscam é a total desconstrução da base do conhecimento científico. Um exemplo é o surgimento de teses “esdrúxulas”, como é o caso da “teoria terraplanista” – que é, talvez, o maior exemplo de negacionismo. Na Idade Média, a cultura, dominada pela Igreja, pouco conseguia exercer sua função crítica, de modo a provocar questionamentos no pensamento coletivo.

Hoje, porém, o dano seria maior, visto que a cultura vigente – até mesmo pela força das novas formas de comunicação, as quais alcançam imenso contingente – possui imensurável capacidade de estimular a reflexão acerca dos problemas sociais. Assim sendo, o cerceamento das ciências estaria, dessa vez, calando vozes bem mais potentes do que eram as vozes da ciência na Idade Média.

Ora, debater acerca de nova tese é algo positivo. É salutar, para a sociedade, que as novas ideias sejam submetidas às mais complexas contradições. Porque é assim que as ciências avançam – tese, antítese, síntese. No entanto, o que os negacionistas pretendem não é a evolução do pensamento. Bem ao inverso, buscam destruir as poucas certezas, que constituem a base do conhecimento científico – construído ao longo de milênios.

Querem colocar em dúvida e, assim, enfraquecer o conhecimento científico já consolidado. Ao provocarem o debate acerca do saber consolidado, querem causar a derrocada das ciências, igualando-as a qualquer saber informal – em que os argumentos mais sem sentido ganham adeptos fervorosos. E assim, com as certezas científicas sendo trazidas ao mesmo nível da banalidade e do empirismo, as grandes massas pouca ou nenhuma chance terão de construir um mundo mais justo – pelo simples fato de que sequer saberão o que é “justo” e o que é “mundo”.

Então, o negacionismo religioso e científico é basicamente um movimento cujo principal objetivo é o enfraquecimento do saber científico já consolidado, o que serve, entre outras coisas, para enfraquecer a defesa da escola pública – especialmente as universidades –, bem como para tornar as massas populares mais facilmente manipuláveis, já que agora passam a seguir discursos totalmente esvaziados de conteúdo científico sólido. Até 2019, o negacionismo habitava tão-somente os ambientes virtuais e os debates acadêmicos.

Na pandemia, contudo, o negacionismo se fez concreto, confundindo as massas populares no que diz respeito às formas ideais de se combaterem o covid-19, o que, por conseguinte, contribuiu significativamente para a elevação do número de mortes – no Brasil e no mundo.

## 6 CONCLUSÃO

Que possamos entender o espírito deste tempo histórico e cuidar melhor de toda a criação. O tempo pandêmico – Covid-19, nos alerta: É necessário romper com o ciclo depredatório do capitalismo. Assim não é possível continuar! Necessitamos de uma nova organização social que respeite o comunitário, o coletivo, a natureza. (Ulrich, 2021, p. 40).

Na análise dos discursos negacionista e científico durante a pandemia mostrou que em meio a uma situação de calamidade pública os governantes e outras lideranças se aproveitaram para criar polêmicas, deixando a população à mercê da sorte. No que se refere à pandemia enquanto as autoridades parecem um tanto desorientadas e sem saber

com agir, contudo, o vírus com sua natureza mortal age conforme essa natureza, infectando e mantendo a população.

Outra constatação é de que muitas lideranças capitalistas se aproveitam para transmitir a culpa ao vírus pelos problemas sociais, como a miséria, a segurança, falta de hospitais, etc. Contudo, sabemos que tais problemas são uma somatória de falta de investimentos em políticas públicas.

Não é possível identificar um discurso dominante, mas uma divisão entre os discursos do Governo Federal e do comitê de ciências, os quais cada um procura dar explicações baseadas em suas visões com o objetivo de trazer estabilidade. Entretanto, essas disputas políticas causam mais a instabilidade em todos os setores sociais.

Nessa disputa discursiva, os evangélicos figuram como negacionistas. O fato de a mídia mostrar este grupo alinhado com as ideias do Presidente da República deixa transparecer que as lideranças evangélicas acumulam também um poder político e temporal. Além do mais, por não serem compreendidos pela fé e suas práticas religiosas isso acaba por motivar ainda mais as críticas da população.

Como resultado de um país com princípios religiosos tradicionais e com uma grande desigualdade econômica/cultural, observamos que o “caos” é sempre intensificado, pois quando não se conhece o histórico político do país ou as consequências reais da má administração econômica, as palavras administradas sob o ângulo religioso bastam.

Afinal “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” é o slogan utilizado pelo presidente e seus apoiadores, mas vale ressaltar que devemos lembrar que “Devemos fazer a nossa parte, para que Deus cumpra sua promessa em nossa vida”- Josué 1.9: “Não te mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares”.

É necessário que o Presidente busque organizar o país com visão ampla e a longo prazo, considerando as diversas esferas (econômica, cultural, educacional, meio ambiente, etc.) assim, considere suas interconexões e avalie os resultados com foco no crescimento do país. E a religião!? Cabe aos ministros religiosos ceifarem suas ovelhas, afinal cada gestor deve ter foco em sua área!

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Robson Lima de. **O negacionismo como artefato da pós-verdade: Bolsonaro, a pandemia e a educação.** BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA) - ano III, vol. 5, n. 15, Boa Vista, 2021. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.4587656>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

CAPONI, Sandra. **Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal.** ESTUDOS AVANÇADOS - 34 (99), 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v34n99/1806-9592-ea-34-99-209.pdf>. Acesso em: 27 de setembro de 2021

DATAFOLHA. **Opinião sobre a pandemia Coronavírus: Avaliação dos governantes.** Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/04/03/314a4d134693a86f6fd981754a0575ceag.pdf> >. Acessado em: 27 setembro 2021.

FERNANDES, Lorena Ismael; FERREIRA, Camila Alves. **O movimento Escola Sem Partido: ascensão e discurso.** *Revista Humanidades em Diálogo*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 194-209, 2021.

FETTER, G. L. **Discurso anticientífico e Covid-19: tensões entre política e jornalismo.** Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | v.9., n.1., Out.-Dez. 2020, p. 562-584. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2672/1962>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: PUC, 1978. (Cadernos da PUC/RJ. Série letras e artes).

GONÇALVES, R. B. **Discurso laico e discurso religioso em tempos de Coronavírus.** *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v.23, e021001, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13742/10165> Acesso em: 22 de setembro de 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **O que pesquisam os analistas do discurso?** *Revista da ABRALIN*, v.14, n.2, p. 31-40, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547>. Acesso em: 25 de setembro de 2020.

MAINGUENEAU, D. **Quem fala da pandemia? Notas sobre ethos e porta-voz.** Canal do LEEDIM – UFSCAR do Facebook, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/videos/quem-fala-na-pandemia-notas-sobre-ethos-e-porta-voz/1028161050913072/>. Acesso em: 27 setembro de 2021

MAINGUENEAU, D. **Présentation. Langages.** Paris: Larousse, v.117, p. 5-11, 1995.

ROMANO, J. O. e *et al.* **A disputa de discursos sobre a pandemia.** *Le Monde – Diplomatie Brasil*. Edição 155, 1 de junho de 2020. Disponível em:

<https://diplomatie.org.br/a-disputa-de-discursos-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 27 setembro de 2021.

Povo, Gazeta do. “**Números da Covid-19 hoje no Brasil e no Mundo**”, Brasil, 05 de out. 2021. Google [online].

SANTOS, Boaventura de Santos. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Ed. Almedina: 2020.

SENHORAS, Elói Martins. **CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA**. Boletim da Conjuntura. Ano II | Volume 1 | Nº 1| Boa Vista | 2020. p.29-32.

ULRICH, Claudete Beise. **É Tempo de Afastar-se dos Abraços**. E-book Pandemia de Covid-19: experiências, espiritualidades e esperanças / Claudete Beise Ulrich; Vinicius Silva de Oliveira (orgs.). São Paulo: Recriar; Vitória: Unida, 2021. pg. 35-41. Disponível em <https://marketingeditorare.wixsite.com/ebook-unida-recriar> Acesso em: 05 de out. 2021.